Ressaca, sob o sol
de satã
Caroline Borges Pavanelli

Quando partiram de minhas secas terras 12 cabeças de gado, não soube dizer se andava a ser praguejado por Deus por meus pecados. Pensava e me revirava no túmulo de meu falecido pai, aquele quem me disse que seria só mais uma boca para morrer de sede, às vezes podia sentir friamente em meus ossos seu amargo desprezo, virava uma dose após outra e via meu fígado se rasgar aos poucos, era agora tudo aquilo o que repudiava no passado, tudo o que teria vergonha no futuro, mas isso, só se algum Momento pudesse desviar dessa angústia.

A terra se rachava, morria ali todo bicho que se pesasse, só restava à mim em pé, não era como se quisesse sumir daquele fim, mas quando me ofereceram réis em troca da casa de meu pai, me perguntei de quantas terras precisa o homem. Era tudo o que não queria ter, mas também tudo o que tinha, antes era como dito, à quem se carcou pelo Jequitibá, mas quando deixei de ter os contos para pagar até pelo que vivia, de repente o meu se tornou o irregular, pisavam em minha seca, e na única vez em que vi aquele engravatado que se dizia mandar por ali foi para me cobrar tudo o que tinha pela casa de meu pai, e se não a entregasse derrubava a mim junto. Nunca tive nada além daquele barraco, daqueles gados já mortos e daquele barro seco. Só fui viver ali dentro após os pés pretos e encravados de meu pai estarem esticados em um caixão, antes dormia pelos estábulos e fazia meus braços cinzas de apoio para minha cabeça. Nem pensava realmente em ficar no barraco, mas era feito de cada pedaço daquela carne podre, e de repente a cidade toda sabia sobre como estava quebrado, e então todo centavo que tinha passou a ser usado para embriagar essa mente que só pensava em sujeira.

Foi quando mais um desses dias que me sentava nas cadeiras imundas daquele bar, chegou em mim aquele homem baixo, com aqueles dedos gordos segurando um charuto molhado com o cuspe de seus espaços sem dentes me ofereceu alguns trocados pelo serviço, como se fosse aqueles jagunços que moram de esquina à esquina.

Pode gastar naquele barraco, ou pode ser esperto e gastar esse dinheiro com umas putas ali no centro, há quem precise de descanso, um homem precisa de paz, se é que me entende.

Ele falava para que tivesse compaixão por sua nojeira, como se me misturasse sendo qualquer porco desses

Sujeito homem como eu não faz esse tipo de serviço, não senhor.

Mas precisa de dinheiro, não precisa? se te custar dois minutos para levar o porco pra vala ainda é muito

Voltei para o barraco pensando naquilo, imaginava a cena, não dormia, e quando me levantei já não tinha mais o que comer, não podia matar nenhuma galinha, pois dependia dos ovos, ou eram almoço pela semana, ou dois dias de um frango que nem sabia cozinhar. Voltei ao bar a tarde, pedi fiado por uma cachaça que quase me foi negada, peguei ali um copo cheio, e não demorou muito para que o sujeito me aparecesse de novo, dessa vez me chamou em um cantos, me mostrou em teu bolso uma pistola enferrujada

Se não quiser sujar tua mão com o sangue do animal, há de ser mais rápido, mas atira no bucho primeiro, assim ele sofre antes

Fiquei em silêncio por uns tempos, mas aceitei, não sei porquê aceitei. Quando era noite passei pelos barracos do centro, isso sentindo a pistola que cutucava meu estômago por dentro da calça, antes não tive coragem de mexer, mas pensava que sabia atirar, me embebedei aos goles, vi o porco cruzando a rua, cheguei por trás, ouvindo aquela respiração gorda que invadia aquele fim de mundo, na hora que puxei a arma da barriga o homem baixo e suado olha para mim como aqueles bois olham na hora do abate, nem parei para pensar na vida que levava, em nada, não importava o que sentia, na hora que vi os olhos daquele porco atirei sem pensar duas vezes, o corpo quente se estirou pelo chão fazendo um estrondo maior do que o da pistola.

O mundo não para hoje pela morte de mais um porco

Pensei comigo, saí andando sem sentir nada, nada mesmo.